

A TRIBUNA

27/MARÇO/77

BR.TBES.C.98

5

TE 184

-Teatro Estúdio

- Antonio Carlos Neves

Um debate à altura do diretor

Se o diretor do Teatro-Estúdio da Fundação Cultural do Espírito Santo, sr. Antonio Carlos Neves, é competente ou não, isto é problema da entidade para a qual ele trabalha. Entretanto, a Fundação deveria estar a par de suas declarações, quando do debate sobre "Teatro Capixaba", realizado terça-feira no Carlos Gomes.

Aliás, o debate não foi propriamente sobre teatro capixaba, com o diretor alegando ainda que, de 65 a 68, como ele não estava em Vitória, não sabia o que tinha acontecido em termos de movimento teatral capixaba, nem tinha tempo para se informar. O debate, realmente deveria ter como nome "Vamos malhar a imprensa", apoiado pela esposa do diretor, por todos os atores do Teatro-Estúdio, que são influenciados por Antonio Carlos, e o responsável pelo setor de Teatro da Fundação, Delton Souza.

Atacando a imprensa abertamente, os integrantes do Teatro-Estúdio acusaram os jornais de não darem divulgação necessária às promoções do grupo, chegando um ator a declarar que um crítico, que, segundo ele, tumultuou o ambiente no primeiro dia de *O Beijo no Asfalto*, "devia ser cassado, pois é subversivo". O autor desta frase, dita, segundo tentou explicar como brincadeira (e sem nenhuma prova), foi dispensado pelo diretor Antonio Carlos Neves no dia seguinte. Isto prova que ele, apesar de influenciar seus atores a não prestar declarações à imprensa e a outros atos (que se transformam em frases como a citada), escolheu um "bode expiatório" para justificar junto à Fundação o tumulto havido no debate.

Prova também que o diretor não procura levar aos atores uma consciência profissional, mesmo sendo estes amadores. Além disso, acha que somente ele é responsável pelo movimento teatral capixaba. Esqueceu que o teatro, em Vitória, existe há 25 anos e que, se ele atualmente está montando um determinado número de peças, não faz mais do que sua obrigação, como diretor de um órgão oficial, que lhe fornece sempre o Teatro Carlos Gomes para ensaios e apresentações, sem falar no Teatro-Estúdio que, mesmo sem estar pronto, serve também como local de ensaios.

O sr. Delton Souza provou também que está confuso ou desinformado sobre a função ao declarar que a Fundação fomenta o teatro a qualquer um. Todos sabemos que isto não é verdade. No ano passado, Flodoaldo Vianna, responsável pelo Teatro Escola, tentou apresentar *O Outro André*, e Delton lhe disse que não havia data disponível. Afirmou então que Flodoaldo sempre quera apresentar as mesmas peças e não se preocupava em mostrar algo novo. A função de Delton Souza é liberar o teatro e não discutir o trabalho dos outros. Talvez Flodoaldo não tente apresentar algo novo porque não tem, justamente, local para ensaios e exibição (na época de *O Outro André*, os ensaios foram na Escola Técnica).

Aproveitando a oportunidade, devo lembrar ao diretor do Teatro-Estúdio que quando o grupo se apresentou em Salvador, no Festival de Teatro Amador, os jornais apenas publicaram uma notinha no primeiro dia. Mas

isto não vem ao caso. O diretor aproveitou a ocasião do "debate" para lembrar sua função em *A Tribuna* (que, a meu ver, esqueceu), dizendo que fazia traduções do espanhol. Para refrescar-lhe a memória, posso afirmar aqui que Antonio Carlos Neves era editor de "A Tribuna Jovem" (e que comprava material estrangeiro, sobre futebol, para publicar no suplemento) e que era crítico de literatura do segundo caderno.

Vale lembrar ainda que o sr. Murilo Rocha, cuja experiência profissional nos jornais de Vitória não entra na questão, afirmou, de pé, que o jornalismo capixaba era feito pelo telefone e que seu irmão só fazia traduções. Isto mostra sua total falta de informação sobre jornalismo sério, que é feito, pelo menos, nos segundos cadernos.

Além de tudo isto, pode-se verificar o nível de "debate": Murilo, que não trabalha no Teatro-Estúdio, estava defendendo com unhas e dentes sua namorada, que é cenógrafa e uma das responsáveis pelo cenário-surpresa de *O Beijo no Asfalto*.

O ambiente do "debate" podia ser sentido pelas ações dos membros do Teatro-Estúdio. Comandados inclusive pela esposa do diretor, houve aplausos para Antonio Carlos Neves que, no palco, de pé, entrava em longas explicações que tinham, como simples função, desviar a atenção dos poucos espectadores que não faziam parte do grupo.

O jornalista Jairo de Brito, em *A Gazeta*, lembrou bem a função que o diretor Antonio Carlos desempenhava no palco: "... E todos ficaram mais ou menos satisfeitos porque havia uma vítima na platéia, enquanto do palco o sr. A.C. Neves "orientava o debate" porque não "gosta de discussões paralelas". O diretor chegou inclusive a afirmar que ia "bancar o ditador", porque um dos atores estava explicando alguma coisa a um dos presentes. Isto prova o clima do debate: infantil, amador, sem pretensão de falar sobre teatro capixaba (já que todos os membros do Teatro-Estúdio estavam desinformados) e sim de criticar a imprensa. Até que ponto a Fundação permite que o Carlos Gomes seja usado para este tipo de debate? (Todas as vezes em que o TCG é solicitado, os responsáveis citam despesas de funcionários que devem ficar no local, luz, etc...)

Apenas um lembrete: alguns dias antes da estréia, estive no TCG e, Afonso Abreu disse, com um sorriso: "O Teatro-Estúdio está apresentando a peça para a Censura. O cenário está ótimo, mas a imprensa não pode ver". Se isso ocorresse em outra cidade, os jornais simplesmente ignorariam o grupo... O que não aconteceu aqui, mesmo sem se poder entrevistar, como gente adulta, os atores.

Fica, então, um pedido à diretora da Fundação, Beatriz Abaurre: faça com que cada pessoa contratada exerça sua função como gente adulta e profissional, para que também possamos exercer a nossa sem ser atraídos, depois, para um debate infrutífero, mentiroso e que provou, mais uma vez, a incompetência de muitos. (ANNIE CICATELLI)